

A IMPORTÂNCIA DO HÁBITO DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

Selmy De Oliveira Cunha ¹

Marivalda Alves da Costa Almeida ²

Gleidy Alves Rios ³

Facultad De Ciencias Sociales Interamericana

RESUMO: O presente artigo tem como tema principal “A Importância do Hábito da Leitura para a Formação do Leitor.” O hábito de ler desenvolve na criança a capacidade de adquirir um vocabulário mais amplo e comunicação clara. A leitura facilita o desenvolvimento intelectual e social proporcionando gosto por descobrir coisas novas. Ler é uma das principais fontes de conhecimento, principalmente quando inserida no ciclo da alfabetização, que abrange o primeiro e segundo ano do ensino fundamental, facilitando o processo de despertar valores que permitirão que crianças se tornem pessoas críticas, participativas e sensível às diversidades da vida. O despertar o gosto pela leitura não está delegado apenas à escola, mas também ao âmbito familiar, assim ao ler para uma criança é permitir que ela vá a lugares além da imaginação. Por isso, toda comunidade escolar e familiares são os principais articuladores no despertar o hábito da leitura nas crianças, contribuindo para que elas construam saberes fundamentais para seu crescimento.

Palavras-chave: Alfabetização. Leitura. Criança.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema principal, a importância do hábito da leitura para a formação do leitor. Busca-se responder às seguintes problemáticas: Qual a contribuição da leitura no ciclo de alfabetização para o desenvolvimento do aluno no processo de ensino aprendizagem? Como contribuir para a formação crítica e responsável do indivíduo, visando sua atuação na sociedade? A prática da leitura aperfeiçoa o vocabulário e estimula o raciocínio e a interpretação?

Discutir sobre as dificuldades de despertar o prazer da leitura e aguçar o potencial cognitivo e criativo do aluno, promover o desenvolvimento do vocabulário, verificar o trabalho com a leitura em sala de aula, as principais práticas de leitura utilizadas no processo de alfabetização, são essenciais na formação do leitor.

Justifica-se a escolha do tema, por ter grande relevância, pois é importante que crianças adquiram valores que lhes permitam ser participativas no meio em que estão

inseridas, e influência na vida social, pessoal e familiar. Incentivar o hábito da leitura não é, portanto, somente para que a criança aprenda a ler e escrever, mas para que leia, escreva e entenda seu contexto, seu mundo e para isto é preciso que haja compreensão do que se lê e se escreve.

O professor é em sala de aula, o grande mediador do conhecimento, e continuamente, deve estar apto ao processo de mudança, ao surgimento de novas ideias e propostas de leitura.

Logo, o papel da leitura é provocar questionamentos e reflexão, induzir o pensamento, abrir caminhos para uma sociedade mais justa, plena formação da capacidade e do potencial da criança. É indispensável a participação ativa da família na vida escolar dos filhos enquanto estiverem em processo de formação e desenvolvimento.

Diante do contexto apresentado, a metodologia aplicada para a realização desse artigo estruturou-se em estudos realizados por pesquisadores renomados, que dão fundamentos ao tema apresentado, além de monografias nas plataformas digitais, para encontrar as referências teóricas, embasada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como pelos teóricos AGUIAR (2001), DINORAH (1995), GROSSO (1995), ARANA (2015), KRUG (2015), SANDRONI (1987), FREIRE (2003) e BRITO (2010).

Tem-se como objetivo geral compreender a importância do hábito de leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental, para a formação de leitores. Objetiva-se ainda conhecer a importância da leitura no processo de alfabetização e formação do leitor, determinar como incluir o hábito da leitura na vida da criança, analisar como trabalhar a leitura em sala de aula e definir a importância de se formar leitores criativos e críticos para a sociedade.

Logo, este trabalho está estruturado em capítulos. Onde ressaltará a importância do ato de ler, a leitura como hábito no processo de alfabetização, o papel do professor na formação de leitores, como trabalhar a leitura em sala de aula e por fim, serão apresentadas considerações relevantes do estudo realizado.

2. O ATO DE LER

Leitura é um procedimento de compreensão e assimilação de alguma forma de informação, é o hábito que uma pessoa possui de ler constantemente, é o entendimento feito através de códigos e informações, tem como suporte os livros, revistas, jornais e muitos outros meios de comunicação. A leitura e sua prática são importantes para ampliar o desenvolvimento cognitivo de um indivíduo, também seu senso crítico. Ao longo dos anos a leitura tem perdido espaço na vida das pessoas, são poucas as que gostam de ler e praticam esse ato como um hábito prazeroso. É importante apresentar às crianças livros e estimulá-las desde a infância o gosto pela leitura.

Durante muitos anos, o hábito pela leitura era restrito somente aos mais nobres e intelectuais, na Idade Média os livros eram lidos em voz alta por grupos influentes da época, como filósofos, intelectuais, religiosos e/ou políticos, era restrito apenas às camadas mais altas da sociedade. Nos séculos seguintes, a leitura tornou-se um hábito social, onde as pessoas se reuniam para ler em grupos, tanto na classe alta como na classe baixa. No início do século XX, a leitura passou por um processo de mudança importante a partir da prensa móvel, criada por Johannes Gutenberg, que possibilitou a produção de materiais de leitura, em maior escala, como livros, jornais e revistas. Assim, a leitura se tornou individual e introspectiva alcançando um público maior.

Ler é uma palavra derivada do Latim “legere”, seu significado provém da agricultura, queria dizer “colher, escolher, recolher”, quando se seleciona e retira do pé os melhores frutos, os melhores cachos. Atualmente passou-se ao sentido de obter informações através da percepção das letras, porque isto indica a capacidade de escolher e definir corretamente letras e palavras. Como outro resultado, a leitura pode proporcionar também uma colheita de utilidades e prazeres que acompanham a pessoa pela vida afora.

O nível de livros lidos na infância, melhora a capacidade do jovem leitor para julgar e selecionar suas futuras leituras. Ler vários textos, de diversos autores, liberta o espírito analítico e crítico que vai despertando à medida que o leitor adquire conhecimentos, somando informações, acumulando dados e amadurecendo suas opiniões.

O livro é uma provocação de diálogos interiores, de debates íntimos, de concordâncias e discordâncias; de análise dos temas, dos fatos, dos dados; de

observação; de apelo a mais raciocínio; de fusão e distinção entre o real e o irreal, entre realidade e imaginação. A informação dentro do envolvimento literário provoca novas descobertas de pessoas, coisas, lugares, ideias, formas. A leitura vai abrindo caminho para a cultura. (OLIVEIRA, 1991, p.37).

É notório que o ato de ler faz com que o indivíduo leitor tenha respostas para o mundo e para o que está acontecendo ao seu redor. Quando uma pessoa lê, ela passa a ter uma nova opinião sobre o tema lido, desde política até assuntos relacionados à culinária. A criança que é estimulada a ler desde pequena certamente será um adulto questionador e crítico, assim, o indivíduo que não lê dificilmente terá base literária e experiências para formar opinião sobre qualquer assunto.

3. A LEITURA COMO HÁBITO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) é a legislação que regulamenta o sistema educacional do Brasil, seja ele público ou privado, da educação básica ao ensino superior. A primeira LDB foi promulgada em 1961 (LDB 4024/61). A LDB 9394/96 reafirma o direito à educação, garantido pela Constituição Federal. Estabelece os princípios da educação e os deveres do Estado em relação à educação escolar pública, definindo as responsabilidades, em regime de colaboração, entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios.

Segundo a LDB 9394/96, a educação brasileira é dividida em dois níveis: a educação básica e o ensino superior. Educação básica: Educação Infantil – creches (de 0 a 3 anos) e pré-escolas (de 4 e 5 anos) – Obrigatória e gratuita. É de competência dos municípios; Ensino Fundamental – anos iniciais (do 1º ao 5º ano) e anos finais (do 6º ao 9º ano) – É obrigatório e gratuito (BRASIL, 1996). A LDB estabelece que, gradativamente, os municípios serão os responsáveis por todo o ensino fundamental. Na prática, os municípios estão atendendo aos anos iniciais e os Estados os anos finais.

A LDB (Lei nº 9.394/1996), estabelece que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. A educação é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana,

tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O Ensino Fundamental é obrigatório e tem duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando aos 6 (seis) anos de idade, tem por objetivo a formação básica do cidadão, mediante ao desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo. Desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular), é um documento de caráter normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo que sejam assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, o processo de alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica, pois a leitura e a escrita oferecem aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social. (BNCC, p 65).

O eixo leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias (BNCC, p 74).

Atualmente adquirir informações sobre qualquer conteúdo se torna possível com o uso das tecnologias. As crianças cada dia mais tem sido apresentada a esses meios tecnológicos e a facilidade das buscas nos sites é surpreendente.

Tem-se ao alcance das mãos diversas formas mais “fáceis” de ler, utilizando as plataformas digitais, livros que podem ser adquiridos onde e quando quiser, basta somente ter acesso à internet. Porém é importante ressaltar a importância do livro físico, da experiência tátil e sensorial em poder marcar a página, rabiscar opiniões, destacar partes interessantes, ou que mais gostou, sublinhar palavras não compreendidas que serão pesquisadas depois.

Devemos entender que o hábito da leitura na vida das pessoas, sejam elas crianças ou adultos, não proporciona apenas conhecimento, mas também leitores

pensantes que interagem com o meio, contribuindo para o desenvolvimento e crescimento da sociedade

A BNCC conclui que a inclusão dessas novas fontes de conhecimento, como a tecnológica, seja aplicada em sala de aula, porém devem ser usadas de forma crítica, de uma maneira que contribuam para o aprendizado e desenvolvimento dos educandos. A escola encontra desafios em dosar a utilização do livro físico com as novas mídias, pois a sociedade está muito envolvida na era tecnológica, tornando um desafio a ética e a política dessas novas práticas de linguagem.

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também à imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e Co significa em muitos gêneros digitais. (BNCC, p. 74).

Para que uma criança se habitue ao mundo da leitura, primeiramente é preciso prepará-la para ler e escrever, inseri-la corretamente nesse mundo maravilhoso da imaginação, é o que nos diz as autoras Grosso e Bellutti (1969), que se dedicaram à Educação Pré-Primária, diz que “Ensinar é arte. E como toda arte, criadora”, que começa em casa, no âmbito familiar, então os primeiros educadores são os pais ou responsáveis pela criança.

Os pais cada vez mais alertados desses perigos e conscientes de suas responsabilidades e de suas limitações como educadores, procuram dar aos filhos os benefícios de uma Educação Pré-Primária adequada [...] propõe-se a complementar a educação familiar, e é seu objetivo primordial promover o desenvolvimento integral da criança, tendo em vista: o ajustamento socioemocional, o desenvolvimento físico, o desenvolvimento intelectual [...] de habilidades específicas, para o superior ensino sistematizado. (GROSSO; BELLUTTI, 1969 p.9-10).

A leitura está presente continuamente na vida das pessoas, seja em uma placa de rua, nos jornais impressos, na legenda de um filme ou em uma receita, para entender é preciso ler e para ler é preciso praticar.

O hábito da leitura permite ao indivíduo um desbravamento de possibilidades, aumentando seu nível de conhecimento, abrindo seu entender e compreender das diversidades impostas pela vida e pela sociedade.

E onde começar esta prática? Quando? Esta prática que é de grande importância deve ser iniciada no berço, no contato com as literaturas infantis, nos contos fantásticos e na imaginação que se dá através da fantasia. Por isso, a

importância dos contos de fada. Desde a barriga da mãe, a criança já aprende a gostar das histórias, tem um encantamento pela leitura, e através dos pais que, diariamente apresenta a ela uma nova aventura, fazendo da leitura uma prática contínua e permanente. Nota-se a disparidade entre uma criança que possui o hábito da leitura de uma que não tem contato nenhum ou muito pouco com ela. É indispensável para o desenvolvimento e aprendizado em sala de aula, pois terá maior facilidade para aprender, entender e resolver problemas e questões a ela apresentada. Para a escritora e professora Maria Dinorah (1995), é da grande urgência para o bem do país e do mundo que se forme leitores.

De algo muito urgente para todas as escolas, e cuja falta tanto vem contribuindo para o esvaziamento cultural do povo brasileiro: a leitura. Os livros literários. A literatura para crianças. O livro mágico. [...] é necessário e urgente que a “cultura” - com base na leitura – tenha vez, para que as mentes saiam da letargia avassaladora do progresso desumano e comecem a formar o mundo melhor e maior. (DINORAH, 1995, p.8-9)

Dinorah (1995) ressalta que a criança passa em média seis horas diárias em frente à televisão, e na sua maioria ignora a fantasia de uma história, a ternura de um poema, o mistério de uma lenda, o mágico encontro com um livrinho.

Para a escritora, a tecnologia foi criada para servir o homem, porém nota-se que cada vez mais o comodismo promovendo a perda da cultura e valores.

Na verdade, a tecnologia veio para servir o homem. Mas se esse homem não tiver acesso à cultura e ao conhecimento, que tem suas bases na palavra escrita, essa mesma tecnologia poderá escravizá-lo e empobrecê-lo cada vez mais. Isso porque, atrás do teatro, do cinema, do rádio e de tevê, mesmo para a mais simples comunicação, a palavra escrita é essencial e o livro, como material de pesquisa e ilustração, a palavra, indispensável. (DINORAH, 1995, p.17-18).

A autora acrescenta ainda que o período mais importante de se formar o gosto pela leitura, está na escola de primeiro grau, forma-se o leitor até os quatorze anos, todavia esta formação deveria iniciar-se “nas raízes do lar, onde desde os primeiros meses, tivesse chance de conviver com a magia das histórias, lendas e poesias, narradas pelos pais e com os livros adequados a esta fase.”

Uma escola que deverá preparar a criança para a grande vida, a vida plena, a vida de ideias amplas e largas, onde as essências não sejam sufocadas pelas aparências de uma sociedade de consumo, cujo objetivo maior é exatamente fazer o povo consumir... E se consumir. Só a escola criativa fará da criança o ser integral. E criatividade sem livro não chega à plenitude das

asas. O livro leva a criança a desenvolver: criatividade; sensibilidade; sociabilidade; senso crítico; imaginação criadora. [...] é lendo que se aprende a ler escrever e interpretar. (DINORAH, 1995, p.19-20).

A autora Brito (2010) diz que a leitura está em todas as coisas, todas as experiências vividas, nas cantigas, nas brincadeiras, nas vivências com a família e a sociedade, e é nesta leitura de mundo que ela se percebe como pessoa, sensível, racional e que vive e interage.

Na verdade, a leitura está relacionada não só a estes questionamentos, mas a inúmeros outros. O ato de ler é representado por meio da escrita, do som, da arte, dos cheiros. Cada leitor possui uma experiência própria, cotidiana e pessoal, tornando a leitura única, incapaz de se repetir, e este é o seu grande encanto. Através deste recurso fabuloso, conseguimos o total domínio da palavra, traçando ideias e conhecimentos, sendo possível entender o mundo que nos cerca, nós transformamos e, ao nos transformar, abrimos nossas mentes para o desconhecido, passando assim a construir um mundo melhor para cada um de nós. (BRITO, 2010, p. 03).

Para as autoras Lia Dalva e Thelma Bellotti (1969), a linguagem oral é de grande importância para o bom desenvolvimento da leitura e escrita.

A linguagem é de importância fundamental para toda e qualquer aprendizagem [...] e todos os princípios da percepção (atenção, conhecimentos anteriores, interesses etc.). [...] O desenvolvimento da Linguagem Oral vai interferir diretamente, na futura aprendizagem da leitura e da escrita. (GROSSO, BELLOTI, 1969, p.49).

De acordo com as escritoras, “além das atividades que propiciam o desenvolvimento da linguagem oral, o professor promoverá outras que preparem a criança para a futura aprendizagem de Leitura e Escrita” (1969, p.49).

O ato de ler deve ser incentivado na criança desde bem pequena, em seu lar, no dia a dia, continuamente. A leitura quando é oferecida à criança diariamente como forma diferenciada e atrativa, apresentando-a a um mundo novo e fascinante, fará com que a criança goste de ler e ter prazer assim, quando estiver na escola e for apresentada aos livros, não verá a leitura como algo enfadonho ou obrigatório.

A leitura na infância é uma descoberta de sentimentos e palavras que conduz o leitor a desenvolver o seu intelectual, a sua personalidade e a aumentar substancialmente a sua capacidade crítica. O ato de ler estimula o imaginário e dá a possibilidade de responder às dúvidas em relação aos milhares de questões que surgem no decorrer da vida, possibilitando o surgimento de novas ideias e o despertar da curiosidade do leitor, fazendo assim com que ele sempre queira mais, e não se contente com o

básico. [...] A leitura proporciona a descoberta de um mundo novo e fascinante... (ARANA; KLEBIS, 2015, p.3).

KRUG (2005), consta as seguintes expressões “saber ler” e “formar um leitor”, são expressões que tem um contexto diferente, pois saber ler, significa decodificar a mensagem simbólica, por meio de sílabas que formam palavras, enquanto, formar um leitor, o sujeito é induzido a aprender a compreender, “inserir-se no universo do pensamento de outra pessoa - o autor - compartilhando pensamentos, ideias e hipóteses, aceitando, ou contrapondo-se ao que analisa. Portanto, saber ler e formar leitores são duas expressões convergentes, pois a primeira é simplesmente quando se decodifica sinais gráficos e formar leitores quando se incentiva a criança ou jovem a se desenvolver emocionalmente, fisicamente e socialmente, agindo em seu meio, modificando suas ações e decisões.

A leitura não deve ser concebida como processo de decodificação, pois se envolve muito mais do que apenas aspectos de decodificação do escrito. Ela proporciona ao leitor o contato com o seu significado segundo seu conhecimento de mundo, possibilitando assim, afirmar que todos ao lerem o mesmo conteúdo, obterão compreensão e interpretação diversificadamente, ao interagir com o texto. (KRUG, 2015, p.3).

Para Brito (2010), a leitura está presente em tudo que fazemos e vivemos, na voz no som, nos gostos, nos cheiros, na arte. Cada um é diferente pois possui uma bagagem, uma experiência própria, no seu dia a dia, na sua personalidade.

Ao lermos um texto nos deparamos com coisas novas que mudam ou ampliam os conceitos que já possuímos, formando novas opiniões, então há uma aprendizagem significativa.

Através deste recurso fabuloso, conseguimos o total domínio da palavra, traçando ideias e conhecimentos, sendo possível entender o mundo que nos cerca, nos transformamos e, ao nos transformar, abrimos nossas mentes para o desconhecido, passando assim a construir um mundo melhor para cada um de nós. Por meio da leitura resgatamos nossas lembranças mais especiais, que fazem parte da nossa cultura. Essa cultura que nos foi dada tem como finalidade a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus atos.

4. O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Segundo FREIRE (2003, p.11), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Assim, o conhecimento de mundo deve estar interligado com a leitura, ou seja, não se pode deixar de considerar a ‘bagagem’, o conhecimento de mundo que a pessoa possui suas vivências, seu contexto e sua realidade, pois linguagem e realidade se fundem, “evidenciando que a compreensão do texto, de modo crítico, implicará relações entre texto e contexto (FREIRE, 2003).

Ao ir escrevendo este, “ia tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a leitura do mundo, do pequeno mundo em que me movia, depois a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavra mundo” (FREIRE, 2003, p. 12).

Freire (2003), também ressalta que um texto lido mecanicamente com propósito de memorizá-lo, não é realmente leitura, nem se pode dela resultar o conhecimento do objeto ao qual o texto fala. Por isso é importante, que enquanto educadores e educando, cabe a nós a responsabilidade de adentrarmos nos textos, para que este possa futuramente ajudar a criança, ou o indivíduo que está se formando, a ser uma pessoa pensadora, refletiva e que saiba tomar decisões, formar questões e/ou saber resolver aquelas que lhe são ou serão impostas.

Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. (FREIRE, 2003, p 19).

Portanto, cabe ao professor/educador, levar em consideração a bagagem de conhecimentos e vivências que o educando tiver. Considerar sua realidade e seu meio e proporcionar a ele a visão de um mundo em que, possa entender e compreender o seu contexto. Não somente ler e escrever, mas elaborar alternativas de forma “criativa e inovadora.”

De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 2003, p.)

Para Krug (2015), é de suma importância que o professor elabore estratégias significativas para que ocorra a formação do leitor, portanto ele deverá explicitar aos seus alunos que ao ler, realiza-se um exercício amplo de raciocínio.

Um profissional deve sempre ter preparo, estar apto a ensinar, deve ser responsável, saber manusear ‘ferramentas’ que facilitarão o processo de aprendizagem. Portanto, como mediador do hábito de ler, deverá propiciar atividades práticas que se fundamentem nessa lógica. Pois o professor além de ser o mediador do saber para as crianças ele é visto como um espelho para ela, portanto se o professor não gostar e não praticar a leitura não haverá uma aprendizagem significativa.

Sabe-se que a mediação da leitura ocorre sem sombra de dúvida, na escola e pelo professor, que por sua vez, tem a incumbência de formar-se professor leitor e posteriormente, profissional leitor. Para tanto caberá a ele desenvolver-se enquanto pessoa e profissional, de direitos e deveres, usufruindo da prática da leitura, a fim de contribuir com o exercício de uma cidadania crítica e justa. (KRUG, 2015, p.2).

O papel do professor leitor deve, portanto, estar sempre atualizado e habituado com a leitura para compartilhar o conhecimento e elaborar diferentes estratégias, onde ocorrerá o aprendizado. É também, considerar as primeiras aprendizagens do aluno, sua bagagem e realidade. Despertar na criança um encantamento pela leitura, deve ser iniciada em casa desde seus primeiros anos de vida. Os pais ao iniciar uma rotina de contar histórias para seus filhos, com leitura prazerosa, garante um hábito positivo. Na escola, sabe-se que o professor é o responsável pela mediação do saber, portanto deve mostrar ao aluno um caminho sobre a importância da leitura, para a formação do ‘eu’, tornando-se indivíduos cultos, justos, solidários, sábios e criativos.

O professor deve, neste processo, oferecer formas de melhor aprendizagem e identificar problemas, procurando melhorar a compreensão e formar pessoas hábeis no ato de ler. Por isso o professor deve ser um detentor do poder da leitura, para assim poder formar novos leitores.

“[...] dessa forma, o mediador responsável pela aquisição da prática da leitura - o professor – deverá elaborar estratégias significativas para que ocorra a formação do leitor, de forma consciente pela prática concreta e efetiva do ler.” (KRUG, 2015, p.2).

Atualmente as crianças e jovens dominam as novas tecnologias, com superioridade ao professor, portanto Krug (2015) ressalta ainda que, mais importante que ensinar a ler, é formar um bom leitor, que compreenda o que foi lido.

Para Klebis e Arana (2015) o professor deve entender e compreender as dificuldades particulares de cada aluno e deve ao mesmo tempo, estimulá-los a produzirem e ouvirem textos, para que assim ele possa desenvolver suas competências e habilidades, estimulando a leitura como um processo de libertação da criatividade e da reflexão crítica do cidadão.

Portanto, é relevante que o professor enquanto mediador do saber adentre o mundo da leitura permanente, se atualizando, para que, em sala de aula, saiba repassar o que aprendeu e compreendeu. E permitindo que a criança também se envolva no mundo da leitura, mostrando-lhes caminhos e direcionando-os através de práticas e planejamentos de leitura. Apresentando diferentes formas de leitura e textos, para que haja compreensão e encantamento pelo hábito de ler. Resgatando crianças e jovens, que atualmente estão ligadas à tecnologia, ao mundo dos livros e compreensão da leitura. Levando em conta que mais tarde, este aluno poderá interagir e interferir em seu meio, se tornar mais sensível, sábio e crítico.

O papel da escola, mais do que formar leitores, é de formar leitores que contextualizem o objeto lido com a sua carga de conhecimento, leitores que raciocinam e que mantenham uma relação crítica e opinativa com o que está sendo lido, que buscam entender o conteúdo transmitido com o objeto de leitura. (ARANA; KLEBIS, 2015, p. 9).

A sociedade brasileira atribui à escola a responsabilidade de formar leitores, procurando gerar uma cultura letrada, abrindo novos caminhos e possibilidades, compreendendo o mundo real e exercer seu papel de cidadania. Por este motivo cabe aos educadores o compromisso na formação de leitores, para isso é preciso também ser leitores. Portanto, somente quem lê pode incentivar o outro a ler. É o que diz a autora Vera Teixeira de Aguiar (2001).

Por essas razões, aqueles que se envolvem com a educação das crianças e dos jovens precisam estar cientes de seu papel na formação de leitores e, principalmente, ser também leitores. Isso porque só transmitimos um valor

quando o introjetamos, quando estamos convencidos de sua importância. Assim, quem não lê não pode incentivar outros a ler. (AGUIAR, 2001, p.07)

Como incentivadores do gosto pela leitura, devemos contribuir para que floresça na criança sua imaginação, mobilizando, despertando seus sentimentos e impressões em relação às suas leituras. Estando motivados com o objetivo de formar leitores, motivamos também os alunos a se tornarem leitores. Para isso é preciso encontrar em si mesmo a capacidade de libertar a nossa própria imaginação. Seremos leitores.

[...] é hora de o sujeito socializar a experiência junto a seus pares, através das sugestões que oferecemos no *ponto de vista*. Debatendo, questionando, tomando posições participando da vida do grupo, estendemos os benefícios de nossas vitórias aos demais, levamos em conta suas posições e, a partir daí, avançamos porque construímos um saber comum, soma das conquistas individuais. (AGUIAR, 2001, p.11)

Para incentivar a leitura junto ao público infantil, é preciso discutir sobre os tipos de leitura que devem ser aplicados aos alunos, os jornais, histórias em quadrinhos, da literatura infantil e até das imagens mostradas na televisão. É preciso identificar o leitor com o texto que manuseia. Apesar de a criança gostar, consumir o texto lido, “é o adulto que, a partir do seu interesse e de sua experiência, elabora a obra que vai ser destinada a criança,” é o que diz Aguiar (2001).

O leitor, de alguma forma, já está ali, à nossa frente, e nós, adultos, nos papéis de professores, bibliotecários ou agentes culturais, fazemos um esforço para compreender o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, para que ela possa se tornar um leitor competente. (AGUIAR, 2001, p.37)

Para encontrar o seu ‘eu’ é necessário que haja uma interação com o real, com os estímulos que lhes são oferecidos pelo ambiente que vive. Sabendo que ler é conhecer as palavras, capacidade de atenção, identificando as ideias explícitas do autor, seu ponto de vista, organizar, e identificar o principal pensamento de um trecho. Mas o que é hábito? Os autores Sandroni e Machado no responde.

Fomos, novamente, ao dicionário, para anotar que *hábito* é “disposição duradoura, adquirida pela repetição frequente de um ato, uso, costume: ‘Só a educação pode criar os bons hábitos’”. Duas palavras saltam logo à vista: duradoura e adquirida. Não se pode, portanto, chamar de hábito de leitura um ligeiro namorico com esse ou aquele livro. Da mesma forma, pode-se concluir que não se nasce com o gene da leitura (SANDRONI; MACHADO, 1987, p. 9).

Os autores Sandroni e Machado (1987), acreditam que a leitura é um dado cultural, o homem podia viver sem ela, isso aconteceu durante séculos, porém depois que os sons foram transformados em sinais gráficos, a humanidade, se enriqueceu culturalmente, surgindo à possibilidade de adquirir o conhecimento e guardá-lo para sucessivamente transmiti-lo a outros. Assim tornou importante o homem saber ler, não apenas decifrar um código escrito, mas saber discutir, contestar ou aceitar, construindo um pensamento próprio.

Por isso dizemos que ler, no sentido profundo do termo, é o resultado da tensão entre leitor e texto, isto é, um esforço de comunicação entre o escritor, que elaborou, escreveu e teve impresso seu pensamento, e o leitor, que se interessou, comprou ou ganhou, folheou ou leu o texto. Também por isso a leitura é uma atividade individual e só a leitura direta, sem intermediário, é leitura verdadeira: a leitura silenciosa, que mobiliza toda a capacidade de uma pessoa, é uma atividade quase tão criadora como a de escrever. Como não se trata de um ato instintivo, mas, pelo contrário, de um hábito a ser gradativamente adquirido, é preciso que se dê desde o início ao aprendiz da leitura o objeto a ser lido [...] respeitando o seu nível de aprendizado. (SANDRONI; MACHADO, 1987, p.10).

Existe um tipo específico para cada faixa etária que se chama literatura infantil, os autores acreditam que o gênero é indicado para adquirir o hábito pela leitura, porque desperta na criança interesse imediato, fala diretamente à imaginação e a sensibilidade dela. Por sua força criadora, pode levar à comunicação leitor-texto que caracteriza o ato de ler. “No mundo maravilhoso da ficção, a criança encontra [...] formas de comportamento social que ela pode aprender e usar no processo de crescimento em que se encontra [...] descobrindo dessa forma, que existem outros modos de vida diferentes do seu” Sandroni e Machado (1987).

Para os autores Sandroni e Machado, se a leitura deve ser um hábito, então deve ser uma fonte de prazer, não algo que é imposto com ameaças e castigos, pois isto pode trazer à criança traumas, em que ela traduz a leitura como algo ruim imposta pelo adulto. Para ler é preciso gostar de ler.

É muito mais fácil para a criança se tornar um leitor quando os pais também são leitores.

O adulto que pega uma criança no colo e a embala com aquelas cantigas tradicionais, que brinca com o bebê usando as histórias, adivinhações, rimas e expressões de nosso folclore, que folheia uma revista ou um livro buscando figuras conhecidas e pergunta o nome delas, está colaborando – e muito – para uma atitude positiva diante da leitura. Os pais que leem aqueles que já têm eles mesmos o hábito da leitura desenvolvido, podem estar tranquilos quanto ao fato de que seus filhos serão bons leitores. (SANDRONI; MACHADO, 1987, p.11)

A melhor forma de se iniciar o hábito da leitura na criança é pela convivência dos pais leitores. Além de induzir ao hábito, a família ainda fortalece seus vínculos com a criança, vividos pela experiência de ler e descobrir novos mundos juntos. Descobrendo os diversos horizontes que o mundo do livro lhes proporciona, uma experiência saudável, que dura para toda vida.

Quando o livro é apresentado para a criança de uma forma prazerosa, ela percebe que o livro é algo bom, aprende a explorar o mundo ao seu redor. Isto começa desde bebê, pelo som das palavras, nas cantigas de ninar e nas brincadeiras, o ritmo e a melodia das frases ajudam o bebê a identificar ou perceber significados. [...] É falando e ouvindo em situações de prazer que a criança adquire o gosto pela linguagem, que vai lhe servir de base para desejar ouvir histórias, ver e ler livro.

Para um bebê que vê uma pessoa folheando páginas, o livro é cor, figuras, formas, papel e som. Mais tarde, as formas se tornam objetos ou sons familiares e reconhecíveis: “bola”, “carro”, “miau”. Algum tempo depois, a criança já consegue virar as páginas sozinhas, reconhece, identifica e nomeia os objetos. Depois, começa a montar uma história a partir das figuras. Mais tarde ainda, passa a participar das histórias, incluindo-se nelas. (SADRONI; MACHADO, 1987, p.12-13)

O gosto pelos livros não é uma coisa que aparece de repente, os pais devem ajudar a criança, a descobrir o que lhe podem oferecer. Cada livro é diferente, e todos podem trazer ideias novas.

Do nascimento aos dois anos pais e filhos começam a ver figuras juntas, lendo versos, cantando cantigas de ninar, brincando com as mãos, reconhecendo objetos. De dois a três anos a criança já é capaz de ouvir histórias mais longas e complicadas, mas ainda precisa do suporte das ilustrações, que ajudam a interpretar as palavras. Dos três aos cinco, a criança já conhece muitos livros diferentes: os dela, os do vizinho e os da escola, já selecionam aqueles que mais gostam.

Para escolher livros os pais e as crianças devem escolher juntos, o tamanho das letras não interessa, grandes ou pequenos, os livros podem ser igualmente satisfatórios, a criança precisa do auxílio da ilustração, com uma linguagem direta facilitando o entendimento das palavras que está ouvindo e a melhor linguagem é a simples que se fala no dia a dia.

Esta é a idade de ouro de fantasia. Os pais podem oferecer contos do folclore ou de fadas, fábulas, histórias fantásticas e de humor, de absurdo, deixando de lado a preocupação de que a história tem que passar lição de moral, esquecendo também os medos das bruxas e dos vilões. A criança vive a fantasia, sabe que é fantasia e brinca com ela como se fosse coisa de verdade. E os pais devem entrar no jogo. É nessa idade também que ela começa a integrar, no nível de sua percepção, a realidade que a circunda. (SANDRONI; MACHADO, 1987, p.19)

Já na escola cabe ao professor produzir métodos que envolverão seus alunos no mundo da leitura, cada aluno deve ser preparado individualmente, pois cada um é diferente do outro, porém visando o desenvolvimento do grupo. O professor pode observar e registrar os comportamentos e os níveis de progresso de cada aluno em relação a leitura, listando as preferências e interesses. É importante criar rotinas com as crianças na hora da leitura em sala de aula, como escolha de livros para leitura em casa, momentos de contar histórias, onde os alunos possam apresentar as histórias dos livros lidos.

5. COMO PROMOVER A PRÁTICA DE LEITURA EM SALA DE AULA

Trabalhar com a leitura tem por finalidade formar leitores competentes e conseqüentemente, a formação de escritores. Textos eficazes tem origem na prática da leitura. Ela oferece o necessário para uma boa escrita, o que escrever e como escrever. A construção do significado do texto se dá através da prática da leitura, do conhecimento sobre o assunto. A leitura propriamente dita, não está na decodificação da letra ou da palavra, mas de uma atividade na qual implica a compreensão, seleção, antecipação, conclusão e verificação do que se lê. Formar um leitor competente é inicialmente formar alguém que compreenda o que lê; aprender a ler também o que não está escrito “ler nas entrelinhas”, identificar elementos implícitos no texto, estabelecer relações ao que se lê e ao que já foi lido, conseguir justificar a sua leitura. Constituir-se como um leitor eficaz é possível mediante a prática constante da leitura de diversos tipos de textos.

Na escola a leitura tem sido um objeto de ensino e aprendizagem, para que isto ocorra é necessário que o que lido é oferecido faça sentido. Trabalhar com a diversidade de gêneros de textos, buscar informações relevantes, o significado implícito nas entrelinhas ou dados para solucionar um problema. A escola deve oferecer materiais de leitura de qualidade, se o objetivo é formar leitores competentes,

principalmente quando os alunos não têm contato habitual com bons livros e com adultos leitores. Não se forma bons leitores solicitando que os alunos leiam apenas em sala de aula, ou somente livros didáticos. Bons leitores se formam quando oferecemos a oportunidade de interagirem significadamente no mundo da leitura, mobilizando-os internamente, incentivando-os de que a leitura é algo interessante e desafiador.

Formar leitores requer condições favoráveis para a prática da leitura, para isso, é determinante que se ofereça condições que permitam essa prática, tais como: dispor de uma boa biblioteca com acervo rico, disponibilizar outros materiais de leitura, organizar momentos de leitura livre, planejar atividades diárias onde a leitura tenha a mesma importância que as demais, possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras, levantar questionamentos durante o momento da leitura, possibilitar o empréstimo de livros para proporcionar bons momentos de leitura em casa, individualmente ou com a família.

A leitura deve ser diária, podendo ser realizada de forma silenciosa, individualmente; em voz alta, quando fizer sentido dentro da atividade; e pela escuta de alguém que lê.

Os projetos de leitura são excelentes situações para contextualizar a necessidade de ler e, em determinados casos, a própria leitura oral e suas convenções. Alguns exemplos de projetos de leitura: produção de fita cassete de contos ou poemas lidos para a biblioteca escolar ou para enviar a outras instituições; produção de vídeos (ou fitas cassete) de curiosidades gerais sobre assuntos estudados ou de interesse; promoção de eventos de leitura numa feira cultural ou exposição de trabalhos. (Parâmetros Curriculares Nacionais, p, 41).

Como vimos anteriormente, alguns autores destacam que o amor pelos livros, e o hábito de ler deve ser iniciado em casa pela família. Leitura oferecida como forma de obter prazer, não imposta como ameaças e castigo. A leitura quando é compartilhada, ela se torna uma experiência gostosa para os pais e para os filhos, aumentando os laços e vínculos amorosos.

Sabemos que em nosso país essa realidade só acontece para alguns. Essa problemática acontece por muitos motivos, sejam eles socioeconômicos, por faltar tempo aos pais que trabalham demasiadamente para manter o sustento da família, ou mesmo, por falta de interesse, deixando esta tarefa para que a escola se encarregue dela.

Todavia, uma criança que começa a ter acesso aos livros em casa, com a família, ao ingressar à escola, nota-se grande diferença desta com aquela que nunca teve acesso ao mundo da leitura ou muito pouca.

Desta forma cabe ao professor promover estímulos à criança, para a leitura, trabalhar formas de entretê-la nesse mundo maravilhoso. E isto só é possível com planejamento, onde o professor deve apresentar a criança formas de leitura de acordo com sua idade e sua preferência, visando o desenvolvimento individual. Sandroni e Machado apresentam diversos segmentos importantes e opções de leitura, para ajudar professores e futuros professores na atuação com a leitura na sala de aula.

Devemos ter em mente que a leitura é um ato individual, voluntário e interior que pertence a cada um dos alunos. Lembrando que a turma deve funcionar de maneira organizada e coletiva, para que os alunos avancem na leitura e tornando assim sucessivamente leitores críticos, o papel do professor na escola é ensinar a ler e a gostar de ler.

O professor pode ler uma boa história, que tenha ação, texto fácil de ler em voz alta e bonitas ilustrações coloridas. Pode fazer uma dramatização, deixar as crianças pegarem nos livros e contarem histórias umas às outras. Pode escrever uma dessas histórias das crianças em folhas grandes de papel, usar os desenhos delas como ilustrações, fazer junto com elas um livro para a biblioteca.

Se a turma já está em processo de alfabetização (os casos geralmente na faixa etária entre 6 e 8 anos), as crianças podem “ler” um pouco aquilo que quiserem, sem correções nem censuras, (Com isso é possível começar a fazer um diagnóstico do estágio de leitura em que elas se encontram, sem precisar recorrer a testes, que tomam muito tempo e fazem as crianças se sentirem desconfortáveis). O professor pode fazê-las perceber que vão, por si mesmas, aprender a ler treinar as habilidades de leitura, para poderem, gradualmente, ler sozinhas.

Se a turma é de crianças mais velhas, mas ainda em fase de alfabetização, é preciso muito cuidado na escolha dos livros. Os seus interesses, ainda que as habilidades de leitura não lhes permitam percorrer textos mais difíceis, não são os mesmos que os das menores, que se divertem com gatinhos e patinhos. Neste caso, muitas vezes, os livros informativos podem constituir uma boa atração. (SANDRONI; MACHADO, 1987, p.24).

É importante que o professor incentive os alunos a lerem em voz alta, assim ele fará com que o aluno redobre sua atenção ao que está lendo, estimulando à imaginação e organização de pensamento. Sandroni e Machado nos dão algumas ideias.

Escolha sempre histórias (ou capítulos de novelas) de que você goste. Uma voz “sem gosto” logo vai desanimar o respeitável público...

Escolha um momento tranquilo e se instale confortavelmente junto aos seus alunos. Deixe-os ficar à vontade. Não leia por muito tempo. A atenção tem limites.

Faça pausas e inflexões naturais, mas não perca uma boa oportunidade de enfatizar ou dramatizar certos trechos. Procure ser fiel ao texto, sem alterar palavras ou simplificar a trama.

Procure captar o grau de interesse das crianças e pare quando notar que elas estão cansadas. Faça também suas crianças lerem em voz alta. Ouça-as e as conheça melhor do ponto de vista da leitura: quanto mais fluente a leitura, maior a compreensão. (SANDRONI; MACHADO, 1987, p.25).

A leitura coletiva é indicada pelo professor para que a classe leia e depois desenvolva atividades de acordo. É uma ideia muito interessante, pois permite uma base comum de leitura a todos, enfatizando o debate, troca de ideias, necessários à formação do leitor crítico, porém, se mal praticada pode trazer alguns perigos para a criança como a falta de interesse. Sandroni e Machado nos dão algumas sugestões da escolha dos livros, como deve ser uma decisão em grupo com base em:

Interesse dos alunos (uma boa trama é fundamental); tema de interesse comum; possibilidade de leitura ao menos para a maioria (o livro difícil afasta o leitor que ainda não domina a técnica de leitura); capacidade de análise e síntese já na 7ª e 8ª séries; acesso de toda a classe aos livros; qualidade literária intrínseca da obra, sobrepujando outros valores mais utilitários. (SANDRONI; MACHADO, 1987, p. 26).

Salientar a importância da biblioteca para a formação do leitor é indispensável, o professor é o grande incentivador, promovendo a frequência dos alunos à biblioteca, que é um lugar que podemos chamar de o berço, a casa dos livros. Toda criança deveria não apenas visitar, mas frequentar e ter contato com o acervo, manusear os vários formatos de livros, reconhecendo que o espaço não um mero depósito de livros.

Daí a necessidade que tem uma biblioteca popular centrada nesta linha de estimular a criação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, ora buscando o adentramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica. (FREIRE, 2003, p. 33).

O professor e o bibliotecário proporcionam às crianças experiências com obras que as satisfazem as suas preferências dentro de um clima conhecido. Mantendo seu horizonte de expectativas e abrir-se para novas leituras enriquecedoras, quanto mais leitura fizer mais propenso a modificar seus horizontes ele vai estar.

Cabe à escola incentivar a criança na prática da leitura e da escrita, pois ela desempenha papel fundamental no processo de ensino aprendizagem, interligando a leitura com vida escolar e social da criança. Como muitos só têm contato com a leitura dentro da escola, cabe ao professor desempenhar a tarefa de mediador do saber entre o aluno e a leitura. A leitura deveria ser incentivada por toda a sociedade, principalmente pela família, porém a realidade do Brasil é completamente diferente, a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e a escrever. É delegado ao professor o papel de chamar a atenção do aluno para a escrita e a leitura de forma a expressar suas ideias e opiniões tornando-se assim cidadãos, participantes na sociedade. Porém, não é delegado somente ao professor de língua portuguesa motivar o aluno na leitura crítica dos textos, toda a escola e professores devem se unir para que o aluno compreenda diferentes tipos de textos para que chegue ao pleno desenvolvimento do ato de se tornar um leitor.

Assim, terá mais amparos racionais e emocionais, destacando principalmente a leitura de mundo. Freire (2003) enfatiza que “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. É muito importante para a formação da criança que os pais e a escola tenham acesso a livrarias e bibliotecas, do contato com o livro, das diversidades de formas e gêneros que lhe proporcionam. É de grande relevância que o professor não imponha livros à criança, livros de seu próprio gosto.

5. CONCLUSÃO

A leitura, por ser considerada um instrumento facilitador da aprendizagem, precisa ganhar mais posição de destaque na escola. Percebe-se o quanto é fundamental para a criança obter contato com livros, revistas e entre outros, bem como a participação da família e dos professores para intermédio do incentivo durante sua formação escolar.

Freire (2003), em “a importância do ato de ler”, trabalha a temática da leitura, na forma de discutir sua importância, colocando explícito a compreensão crítica da alfabetização, na qual reforça que a alfabetização necessita de reforços no sentido de compreensão da palavra escrita, da linguagem, de contextos de quem fala, de quem lê e escreve. Por isso é preciso uma maior conscientização do professor para com o aluno, pois cabe a ele aproveitar as bagagens trazidas pelos alunos, e inseri-las no

mundo da leitura diversificando as atividades de forma atrativa para a contribuição do gosto pela leitura.

A escola tem um papel fundamental neste permeio de introdução da leitura, através de disponibilização de livros de acordo com adequação na qual a escola convive, pois o aluno necessita do contato com livros e projetos de socialização.

É necessário alertar os pais e a sociedade sobre a importância de se contar histórias e experiências para seus filhos. A leitura quando tida como prática permite à pessoa criatividade, sensibilidade, ampliação de vocabulário. As crianças que leem desde pequena, que ouvem histórias, são crianças que tem suas fantasias despertas. São pessoas mais criativas. Viajam por mundos diferentes em épocas diferentes, isso só é possível através dos livros lembrando que a leitura deve ser passada de forma prazerosa, não algo imposto.

Em suma, é preciso formar cidadãos mais críticos e conscientes, sendo tal processo possível, mediante a formação de bons leitores e o incentivo ao hábito de leitura.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Era uma vez... Na escola: formando educadores para formar leitores** – Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

ARANA, Alba Regina de Azevedo; KLEBIS, Augusta Boa Sorte Oliveira. **A Importância do Incentivo à leitura para o processo de formação do aluno** – UNOESTE, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996. São Paulo: Saraiva, 1996.

BRITO Danielle Santos de. **A importância da leitura na formação social do indivíduo** – Revela 2010

DINORAH, Maria. **O livro infantil e a formação do leitor** – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** – Ed. 44 - São Paulo, Cortez, 2003.

GROSSO, Lia Dalva Jacy. **Como preparar a criança para ler e escrever** – Livraria José Olympio Ed. S/A – 1995

KRUG, Flávia Suzana. **A importância da leitura na formação do leitor** – IDEAU, 2015.

SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura** - Ed. 02 – Ática, São Paulo, 1987.

OLIVEIRA, Aláide Lisboa de. **Da alfabetização ao gosto pela leitura** – Imprensa Oficial, Belo Horizonte - BH, 1991.